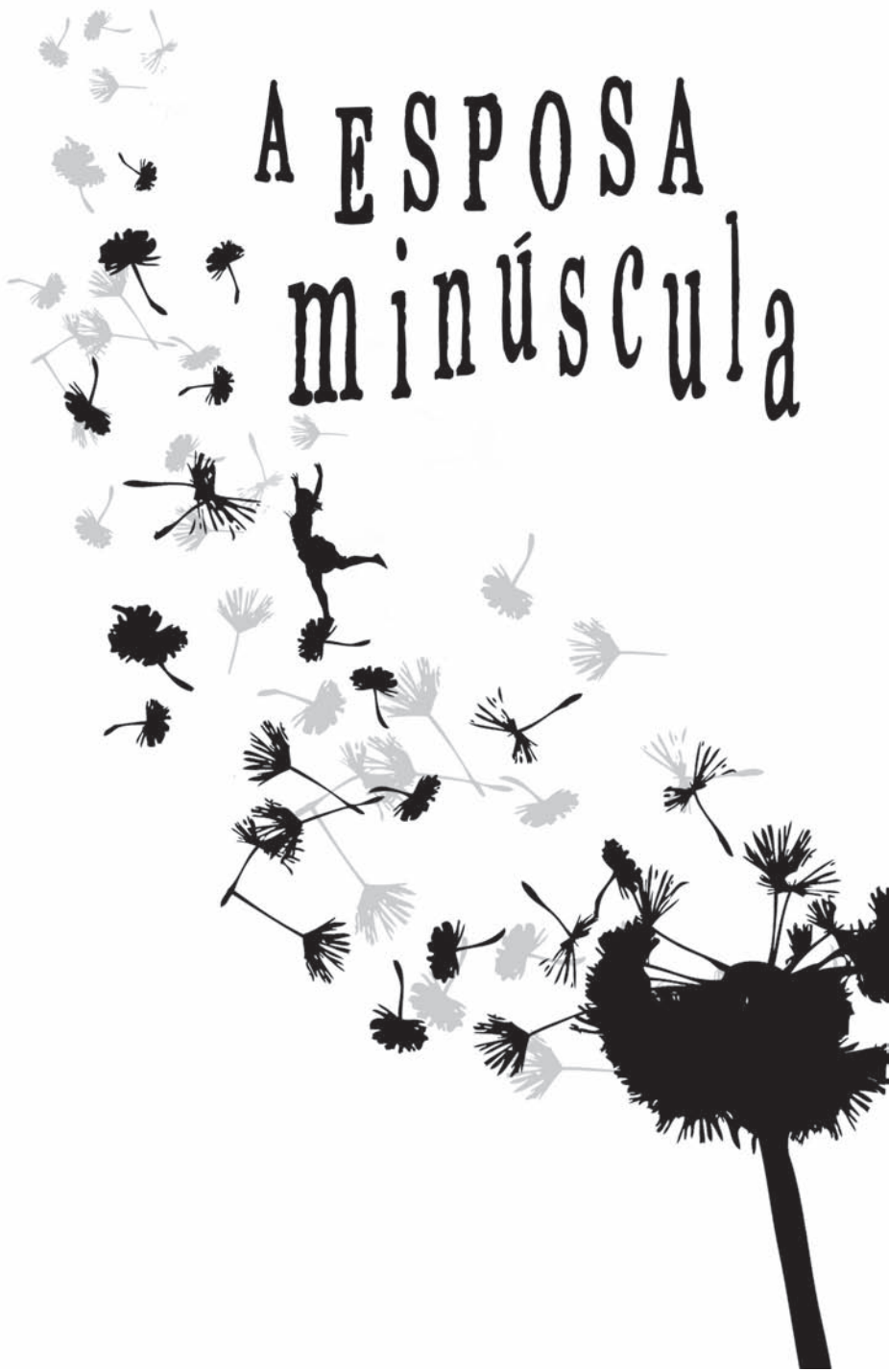






A ESPOSA
minúscula





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

livros para fugir da rotina

TÍTULO: *A Esposa Minúscula / nº 225 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Andrew Kaufman*

Esta edição © 2014 Edições Saída de Emergência

Título original The Tiny Wife © 2011 Andrew Kaufman. Publicado originalmente em Inglaterra por HarperCollinsPublishers, 2011

TRADUÇÃO: *Renato Carreira*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

DESIGN DO INTERIOR: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÕES DO INTERIOR: © *Tom Percival 2011*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Cafilesa, Soluções Gráficas, Lda.*

1ª EDIÇÃO: *Março, 2014*

ISBN: *978-989-637-630-7*

DEPÓSITO LEGAL: *371877/14*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

*Praça do Junqueiro n.º 3, Loja B,
2775-597 Carcavelos, Portugal*

TEL E FAX: *218084370*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



A ESPOSA minúscula

Andrew Kaufman

Tradução de Renato Carreira

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para o extremamente paciente
e extraordinariamente alto Marlo.*



LIVRO
UM







O assalto não foi desprovido de consequências. As consequências foram o propósito do assalto. O dinheiro nunca foi o objetivo. O ladrão nem sequer o pediu. O facto de ter acontecido num banco foi uma coincidência. Poderia ter acontecido com igual facilidade numa estação ferroviária, numa escola secundária ou no *Musée d'Orsay*. Aconteceu no passado, acontecerá no futuro e, pouco depois das três da tarde de quarta-feira, 21 de fevereiro, aconteceu na Sucursal nº 117 do Banco da América do Norte.

O banco situava-se na esquina da Christie com a Dupont, na baixa de Toronto, Ontário, Canadá. Havia treze pessoas no interior quando o ladrão entrou: dois operadores de caixa, o vice-gerente e dez clientes aguardando na fila. O ladrão usava um chapéu roxo

exuberante e brandia uma pistola. Possuindo gosto pelo dramático, disparou um tiro único para o teto. Pedacos de gesso caíram e cobriram as fibras de pelo sintético do seu chapéu. Todos ficaram em silêncio. Ninguém se moveu.

— Sendo verdade que isto é um assalto...
— disse o ladrão. O seu sotaque era britânico e carregado, do tipo que deixa os nor-



te-americanos ligeiramente envergonhados. Moveu a cabeça e uma nuvem de pó de gesso ergueu-se no ar. — Exijo apenas uma coisa a cada um de vós e será o seguinte: o objeto que tenham presentemente na vossa posse com maior valor sentimental.

Com um movimento da pistola, o ladrão indicou aos funcionários do banco que contornassem o balcão e se juntassem à fila



onde os clientes esperavam. No início da fila, encontrava-se David Bishop, um homem de quarenta e cinco anos e formas evocativas de um pinguim, que tremeu ligeiramente enquanto o ladrão se aproximava tanto que a aba do seu chapéu roxo lhe roçou a franja.

— E então? — perguntou o ladrão.

David levou a mão ao interior do casaco, tirou a carteira e puxou por várias centenas de dólares.

— Esperas que acredite que o dinheiro é o objeto presentemente na tua posse com maior valor sentimental?

David Bishop ficou confuso. Continuou a erguer as notas no ar. O ladrão encostou-lhe a pistola à têmpora esquerda.

— Como te chamas? — perguntou o ladrão.

— David. David Bishop.

— David David Bishop, rasga o dinheiro em pedaços pequenos e atira-os ao ar.

Após uma breve pausa, David fez o que o ladrão ordenara. Pedacos de dinheiro flutuaram até ao chão.

— Agora pensa, David. A tua resposta será decisiva. Qual é o objeto com significado mais avassaladoramente sentimental e mais carregado de memórias que tens presentemente na tua posse?

David Bishop apontou um relógio de aspeto barato no seu pulso.

— Convince-me.

— Foi a minha mãe que mo ofereceu. Há anos. Quando saí de casa para ir para a universidade. Acabo de o mandar arranjar e comecei a usá-lo novamente.

— Assim, sim! — exclamou o ladrão. Afastou a arma da cabeça de David Bishop e tirou-lhe o relógio do pulso. — Agora vai para ali e deita-te no chão.

David Bishop obedeceu.

Com um movimento da arma, o ladrão fez a pessoa seguinte na fila avançar. Chamava-se Jenna Jacob. Na sua mão direita, tinha dois brincos de diamante. Guardou-os no bolso, procurou na bolsa e retirou duas fotografias amarrotadas.

— Muito engraçados — disse o ladrão. — Que idade têm?

— Dez e treze anos.

— Nunca terás maior consciência do amor que lhes tens do que neste momento.

Jenna Jacob anuiu e, sem que lhe fosse ordenado, deitou-se de bruços no chão ao lado de David Bishop.

A minha esposa era a seguinte na fila. Eu não estava presente, claro, mas contou-me

esta história tantas vezes, contou-me todas estas histórias tantas vezes e com tão extensa e inclusiva riqueza de pormenor, que não apenas sinto que lá estive, como comecei mesmo a acreditar que sim. Lembro-me de como Stacey endireitou as costas antes de avançar.

— Pareces-te muito com o meu irmão — disse. Era verdade. O ladrão tinha a mesma curva na cana do nariz e olhos azuis-claros que transmitiam em simultâneo arrogância e desespero.

— Sinto muito, mas isso não te isenta.

— Sabes, não tens de fazer isto.

— Talvez. Mas é mais provável que tenha.

— Porquê?

— Verás.

— Deixa-te feliz?

— Confere-me sentido.

A minha esposa acenou afirmativamente e procurou na bolsa até retirar uma calculadora.

— Usava-a na minha aula de *Cálculo de Várias Variáveis* do segundo ano quando o homem que viria a ser o meu marido se sentou ao meu lado. Usei-a para o ajudar com os trabalhos de casa. Muito mais tarde, usei-a para calcular a noite em que engravidámos e o dia em que daria à luz. Usei-a para calcu-

lar a nossa hipoteca e a possibilidade de podermos ou não pagar um segundo carro ou sustentar um segundo filho. Não houve uma única decisão importante na minha vida que tenha tomado sem ela — disse.

Tudo aquilo era verdade. Aquela calculadora era realmente o objeto de maior valor sentimental para ela. Ia muito além das coisas que conseguia perceber graças a ela. A minha mulher adorava matemática. Via sentido na matemática. Conferia sentido ao mundo.

Suspirou profundamente enquanto depositava a calculadora na mão estendida do ladrão.

— Há alguma forma de poder reavê-la?
— perguntou.

— Receio que não. Há quanto tempo?

— Comprei-a no primeiro ano.

— Não. O teu marido.

— Sete anos.

— E ainda o amas?

— Acho que sim.

— Filhos?

— Apenas um.

O ladrão anuiu. Um gesto com a arma e Stacey juntou-se aos outros, deitando-se de bruços no chão.

O ladrão dedicou a sua atenção ao res-

to da fila. Daniel James deu-lhe a fotografia do casamento dos seus sogros, que trouxera para mandar restaurar. Jennifer Layone deu-lhe um exemplar muito marcado de *O Estrangeiro* de Albert Camus. Sam Livingstone, o vice-gerente, que era o último da fila, entregou-lhe o recibo do vencimento da sua promoção recente.

Depois de ter recolhido um objeto de todos os presentes, o ladrão recuou para a porta. Junto à saída, parou.

— Senhoras e senhores, a vossa atenção, por favor — disse. Ninguém se levantou, mas todos ergueram a cabeça. — Tomei conhecimento de que a esmagadora maioria de vós, se acreditarem que possuem uma alma, julgarão que esta se esconde no vosso interior como um lingote de ouro. Mas estou aqui para vos dizer que nada poderia estar mais distante da verdade. A vossa alma é uma coisa viva e orgânica. Não é diferente do vosso coração ou das vossas pernas. E, tal como o vosso coração mantém o vosso sangue oxigenado e tal como as vossas pernas vos mantêm em movimento, a vossa alma confere-vos a capacidade de fazer coisas espantosas e belas. Mas é uma máquina estranha, precisando de ser constantemente rejuvenescida. Normal-

mente, isto acontece através do uso, como a bateria de um carro se recarrega em viagem.

O ladrão parou, levou o braço à cara e espirrou.

— Peço desculpa — disse. Olhou para o relógio. — Estou a usar demasiadas metáforas hoje. Ouçam, estou com um pouco de pressa e, por isso, permitam-me que conclua. Quando sair daqui, levarei comigo 51% das vossas almas. Isto terá consequências estranhas e bizarras nas vossas vidas. Mas, mais importante que isso, e digo-o de forma bastante literal, aprendam como restabelecer a plenitude das vossas almas ou morrerão.

O banco ficou em silêncio. O ladrão atirou o chapéu ao ar e saiu pela porta antes que o objeto caísse no chão.





A primeira manifestação ocorreu seis horas mais tarde para Timothy Blaker, o sétimo na fila, quatro posições atrás da minha esposa. Tinha vinte e sete anos e trabalhava como motorista de autocarro. O objeto que deu ao ladrão foi um anel de noivado de que, por acaso, estava ansioso por se livrar. Trouxera-o consigo ao longo de dezassete meses, desde a noite em que Nancy Templeman, a sua namorada durante dois anos e meio, se recusara a aceitá-lo.

Timothy não a vira nem falara com ela desde a noite do seu pedido de casamento falhado e, quando abriu as portas do autocarro duas paragens a leste do cruzamento da Shaw com a College, foi uma surpresa vê-la. Nancy estendeu a mão, mas não deixou cair moedas para pagar a viagem. Ao invés, enfiou-lhe a mão no peito e arran-

cou-lhe o coração. Ergueu-o à sua frente. Timothy viu-o bater. O autocarro continuou parado enquanto a via voltar a descer para a rua e entrar num *Ford Mustang* amarelo que a esperava.

Nancy pisou o acelerador a fundo, com os pneus traseiros a chiarem e a deitarem fumo. Timothy Blaker iniciou a perseguição.

O autocarro não fazia as curvas tão bem como o carro potente, mas, não tendo coração, Timothy conduzia sem medo e conseguiu acompanhá-la. Os passageiros permaneceram nos seus lugares, observando atemorizados enquanto as suas paragens ficavam para trás. Estavam por baixo da Gardner Expressway, seguindo para leste na Lakeshore, quando parou ao lado dela. Aceleraram lado a lado. Passaram muitos sinais vermelhos, mas, na Lawrence Street, camiões de cimento bloqueavam o cruzamento e foram forçados a parar. Muitos passageiros ergueram-se, alarmados, mas o seu medo era ainda grande de mais para que qualquer um deles se aventurasse a avançar até à frente do autocarro.

Timothy abriu as portas. Os camiões de cimento desimpediram o cruzamento. O semáforo ficou verde e ele saltou, aterrando

com um baque metálico sobre o tejadilho do *Mustang*.

Olhou pelo para-brisas. Viu o seu coração no banco ao lado do condutor. Viu-o bater. Viu Nancy girar o volante para a esquerda e para a direita. Sentiu-se projetado com violência. Doíam-lhe as pontas dos dedos, mas segurava-se com uma força cada vez maior. Foi então que Nancy travou.

Timothy foi projetado do tejadilho do carro e aterrou no asfalto. Três mortais invertidos depois, parou.

Sangrava do joelho. Tinha um grande corte imediatamente abaixo do olho. Ergueu-se e sentiu uma dor agonizante a descer-lhe pela perna direita. O *Mustang* estava a cem metros de distância, virado na sua direção. Olhou para Nancy. Nancy olhou para ele. Timothy ouviu o rugido do motor. Os pneus traseiros chiaram.

Não se moveu. O *Mustang* amarelo de 1964 acelerou. Estava a trinta metros de distância e, logo depois, a quinze e a cinco. Não se mexeu nem fechou os olhos. Ficou onde estava, vendo-o aproximar-se. Esta postura, com os olhos abertos, fê-lo sentir-se forte. Quanto mais o carro se aproximava, quanto maior o perigo que corria, mais forte se sen-

tia pela sua imobilidade. Aproximava-se cada vez mais. Timothy continuou a manter-se onde estava e, com menos de três metros a separá-lo do para-choques do *Mustang*, Nancy voltou a travar. O carro parou repentinamente. O seu coração foi projetado do banco ao lado do condutor. Atravessou o para-brisas, deixando um buraco em forma de coração no vidro, e voou-lhe diretamente para o peito.



Três dias após o roubo e meros minutos depois de termos conseguido finalmente adormecer Jasper, o nosso telefone tocou. Era o telefone fixo, que, normalmente, permitimos que vá para o *voicemail*, mas Stacey correu para atender. Mais tarde, explicaria que lhe parecera urgente. Ouvira a campainha como se fosse um alarme.

Era o detetive William Phillips quem ligava. Fora o nono na fila e entregara ao assaltante uma chave grande e antiga. O detetive Phillips perguntou se alguma coisa peculiar lhe estava a acontecer na vida, alguma coisa nova e talvez inexplicável. Stacey pediu-lhe para elaborar. O detetive contou-lhe que, nas vinte e quatro horas anteriores, recebera confissões de dois maridos diferentes, confessando o homicídio das suas mulheres. Explicou

ainda que ambos os casos envolveram alguém que estivera dentro da Sucursal nº 117 no momento do assalto.

Stacey pediu mais pormenores ainda. O detetive Phillips contou-lhe as histórias seguintes.

* * *

Duas manhãs após o assalto, Daniel James, que fora o quinto na fila e entregara ao ladrão uma fotografia do casamento dos seus sogros, atava os sapatos quando o atacador do sapato direito se partiu. Calçou o seu outro par de sapatos escuros e o atacador do sapato esquerdo partiu-se. Vestiu o fato claro e, quando dava o nó no atacador do seu sapato castanho direito, este também se partiu. Olhou para o atacador partido na mão. Olhou para o atacador no chão.

— Tenho de te deixar — disse à mulher. Mas esta já lá não estava.

* * *

Nesse mesmo dia, Jenna Jacob descobriu pela manhã que era feita de rebuçado, algo a que permaneceu alheia até olhar para baixo no

duche e ver
uma película
branca sen-
do arrastada
para o ralo.

Chocada e
incrédula, Jenna
fechou a torneira e
limpou a condensação
no espelho. A sua pele era
feita de açúcar branco
com pequenas man-
chas de menta. O
seu cabelo era
de alcaçuz. Os
seus olhos
caramelos.
Q u a n -
to mais
olhava
para o
seu refle-
xo, menos es-
tranha lhe parecia aquela
versão doce de si. Cobriu com
um lenço o seu cabelo de al-
caçuz, pôs óculos escuros
sobre os seus olhos de



caramelo, e desceu as escadas. Os seus filhos, com dez e treze anos de idade, mal notaram.

Vendo que os filhos se recusavam a tomar o pequeno-almoço, esfregou as mãos sobre as suas malgas de cereais, cobrindo os seus *Shreddies* com açúcar. Quando se recusaram a vestir-se para ir para o carro, partiu os dedos mínimos e usou-os como suborno. Quando os deixou na escola, mostraram-se invulgarmente ávidos para lhe darem beijos de despedida.

Jenna regressou a casa, ligou para o trabalho a dizer que estava doente e passou o dia a ver televisão. Pouco depois das nove, o seu marido chegou.

— Perdoa-me ter chegado tão tarde — disse. — É outra vez o contrato Meyer. Porque está tão escuro aqui? Há alguma coisa para comer?

Jenna tocou com a mão na almofada a seu lado. O marido sentou-se. Beijou-lhe os lábios de reбуçado. Beijou-lhe o pescoço, os braços e a face. A seguir, subiram. Beijou cada parte do seu corpo.

— Era capaz de te comer — disse. E, levado pela paixão, foi o que fez.

* * *

— Está a brincar comigo? — ouvi a minha esposa perguntar.

— Infelizmente, não estou. Tomei conhecimento de vários casos idênticos. Um em Halifax, três no Sul dos Estados Unidos e também casos na cidade francesa de Lille, em Barcelona e Winnipeg. O mesmo *modus operandi*. Chapéu roxo, objeto de valor sentimental, tudo. Corre perigo.

— Corro?

— Haverá uma reunião de todos os sobreviventes, de todos os que estavam na Sucursal nº 117, esta segunda-feira às sete e quinze na St. Matthew's United Church. Não posso sublinhar em demasia como será importante a sua presença.

— Obrigada por ter ligado — disse a minha mulher. Desligou, mas manteve a mão sobre o telefone.





Nessa noite, estava na casa de banho a lavar os dentes quando Stacey me chamou. Havia tal urgência na sua voz que me dirigi ao quarto com a escova de dentes na mão. Estava diante do espelho, a fitar a gola da t-shirt que usava com maior frequência para dormir. Mostrava-me como tinha ficado larga, algo de que não me apercebera. A gola parecia descaída e transformava-se num decote ousado.

— Não me parece nada mal — disse. Abracei-a por trás. Tentei beijar-lhe o pescoço, mas conseguiu escapar-se.

— Estou a encolher.

— Não estás a encolher.

— Tens de me levar a sério.

— Não pode ser só a roupa?

— Por dentro também. Consigo senti-lo. Estou a encolher.

— Aquele tipo pôs-te isso na cabeça e deixaste-te levar. Sabes como és suscetível a ser levada pelas coisas.

— Será que podes não questionar tudo o que digo, por uma vez? — perguntou Stacey.

Sentei-me na cama. Havia uma fita métrica sobre a mesa de cabeceira. Estava lá desde que ponderáramos algumas obras de renovação. Ergui-a com a mão livre.

— Porque não te medimos?

— Não sei que altura tinha antes.

— Estará na tua carta de condução.

— Certo — disse Stacey. Correu pelas escadas abaixo e regressou com a carta de condução e um lápis. Pousei a escova de dentes no local onde antes estivera a fita métrica. Certificando-me de que os seus joelhos estavam direitos contra a ombreira da porta, alisei-lhe o cabelo e tracei um risco preto na tinta branca da parede. Puxámos a fita métrica.

— Cento e cinquenta e nove centímetros.

— Oh, meu Deus.

Stacey passou-me a carta de condução. A sua altura estava registada como cento e sessenta centímetros.

— Podem ter-se enganado — disse. — Talvez seja melhor voltar a medir?

Coloquei-me junto à porta e voltei a medir. A sua altura exata era cento e cinquenta e nove centímetros e um milímetro. Voltei a ler a carta de condução. Continuava a dizer que deveria medir cento e sessenta centímetros de altura. Stacey mantinha-se sentada na cama, fitando a parede.